

“Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário^I

André Luiz Strappazzon^I

Katia Maheirie^{II}

“Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário

RESUMO

A partir da ética de Espinosa e do conceito de “bons encontros”, este artigo pretende apontar as posições éticas de sujeitos envolvidos em uma instituição denominada Casa Chico Mendes, ONG situada na periferia de Florianópolis-SC. Tencionamos refletir acerca dos modos de relação construídos e compartilhados nessa instituição, expor os afetos e efeitos dos bons encontros ali produzidos. A metodologia inspirou-se na etnografia, com registro em diário de campo e entrevistas. São consideradas as contribuições de cinco sujeitos, cuja presença e participação em encontros na Casa Chico Mendes foram significativas para a instituição e para suas vidas. A partir de suas falas, alguns encontros são reconstruídos e seus efeitos, intensidades e composições são problematizados teoricamente. Os resultados apontam para a capacidade dos “bons encontros” como possibilidades para se aumentar a potência de ação dos sujeitos, produzindo lugares de calor em contextos de experiências coletivas e comunitárias.

Palavras-chave: Ética; Bons encontros; Lugar de calor; Potência de ação.

“Good meetings” as compositions: experiences in a community context

ABSTRACT

Starting from Espinosa’s ethics and from “good meetings” concept as nonhierarchical and cozy compositions, this show the ethical positions of the people involved in an institutional context. The experimental field was the Casa Chico Mendes, an organization located at the Florianópolis-SC suburb. We intend to reflect on the relation modes shared in this House as well as expose the affects and effects of good encounters produced there. The methodology was inspired in ethnography with diary registrations and interviews. We considered the contributions of five people who had involvement on meetings of Casa Chico Mendes and their involvement was significative for themselves. Starting from their speeches some meetings are rebuilt and its effects, intensities and compositions are theoretically problematized. The results show the ability of “good meetings” to act as tools to increase the potency of people action resulting in cozy places in context of collectives and community experiences.

Keywords: Ethics; Good meetings; Cozy place; Potency of people action.

^I Este artigo refere-se a uma pesquisa realizada com apoio da CAPES.

“Buenos encuentros” como composiciones: experiencias en un contexto comunitario

RESUMEN

Partiendo de la ética de Espinosa y del concepto de “buenos encuentros” como composiciones no jerárquicas y acogedoras, este artículo pretende apuntar las composiciones éticas de personas involucradas en una Institución denominada Casa Chico Mendes, organización no gubernamental ubicada en la periferia de Florianópolis-SC. La metodología ha sido inspirada en la etnografía, con la utilización de registros en diario de campo y entrevistas. Son consideradas las contribuciones de cinco sujetos cuya presencia y participación en las actividades y encuentros en la Casa Chico Mendes fueran significativas para sus vidas. Partiendo de sus hablas, algunos encuentros son reconstituidos y sus efectos, intensidades y composiciones son problematizados teóricamente. Los resultados apuntan para la capacidad de los “buenos encuentros”, ubicándolos como posibilidades para alargar la potencia de acción de los sujetos, produciendo lugares de calor en contextos de experiencias colectivas y comunitarias.

Palabras clave: Ética; Buenos encuentros; Lugar de calor; Potencia de acción.

Introdução

O presente artigo é um recorte extraído de uma pesquisa mais ampla realizada entre 2009 e 2011. O objetivo desta análise foi o de investigar de que forma os bons encontros estão presentes no cotidiano e na história de vida das pessoas que frequentam uma ONG chamada de Casa Chico Mendes, enfocando questões específicas relativas aos processos de subjetivação e criação. Trata-se, portanto, de trazer as experiências de encontros situados no que foi definido como Casa dos Encontros, denominação referida às relações ocorridas na Casa Chico Mendes, que transcendem as delimitações simbólicas do espaço institucional e engendram formas de ser e de estar em coletivo.

Pautados nessas experiências, objetiva-se levantar algumas reflexões sobre os bons encontros, a partir das contribuições teóricas da ética de Espinosa (2009), bem como junto a autores cujos trabalhos compõem parte dos referenciais de uma orientação da Psicologia Social Crítica ou que com ela dialogam.

A Casa Chico Mendes

A Casa Chico Mendes é uma entidade civil, sem fins lucrativos, presente desde 1994 na comunidade de mesmo nome, localizada na periferia de Florianópolis - SC. Tem como princípios a promoção da autoestima, a humanização das relações e a construção da cidadania (Lima, 2003). Essa ONG desenvolveu, durante muitos anos, atividades de arte/educação para crianças no contra-turno escolar, mantendo diversos projetos voltados a jovens e adultos, como grupos terapêuticos, alfabetização, assistência social e psicológica, organização comunitária, projetos de economia solidária e formação para professores. Parte da casa é disponibilizada para a instituição Casa Chico Mendes, com salas de atividades, cozinha, biblioteca e escritório; outra parte, como se fosse em anexo à mesma estrutura, é utilizada como moradia.

Chama a atenção, em um dia corriqueiro da Casa¹, o número de pessoas que chega para verificar a correspondência ou procurando por um dos moradores ou funcionários. Também, se observa

¹ Neste texto, todas as vezes que a palavra “Casa” aparecer com a inicial maiúscula, estaremos nos referindo à Casa Chico Mendes. O mesmo se aplica à palavra “Comunidade”, utilizada para designar a Comunidade Chico Mendes.

os adolescentes que entram por alguns minutos, ficando sentados no sofá próximo à porta de entrada, outros que vêm para perguntar se “ainda tem um pretinho”, dirigindo-se até a cozinha para se servir de uma xícara de café. São jovens que vem para o almoço, lideranças comunitárias, pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas em causas cotidianas na Comunidade ou que passam para contar uma novidade boa ou dividir tristezas. Enfim, pessoas que frequentam a Casa, cuja passagem constitui um fluxo de encontros no cotidiano, presença que faz desbordar um entendimento desse local como um mero espaço de trabalho institucional.

Disso decorre que a Casa, além de ser uma instituição social com objetivos específicos e projetos voltados para o ambiente comunitário, mantém essa peculiaridade que a diferencia de muitas outras instituições cujos objetivos se assemelham. É um espaço de socialização que não fecha as portas depois de encerrado o turno laboral. Ficando aberta, a Casa acaba por configurar um fluxo constante de pessoas que se juntam para compartilhar encontros informais, partilha que cotidianamente acaba por compor relações de amizades, trocas afetivas e um espaço de viver em comum. É focando neste último aspecto da Casa que se problematizará, neste artigo, as relações e os bons encontros ocorridos nesse espaço.

Metodologia

Nossa participação nas experiências designadas de **bons encontros** fez parte das inúmeras perspectivas que assumiu a nossa presença na Casa e na Comunidade durante toda a pesquisa de campo envolvida em projetos de pesquisa e também em tempos anteriores, quando trabalhamos na Comunidade como profissionais e/ou ativistas. A intenção era a vivenciar a Comunidade e a Casa, fazendo parte, como pesquisadores e sujeitos, das possibilidades de relações que ali se enredam. Isto demandou uma reflexão de caráter epistemológico, que problematizasse a construção processual do conhecimento e a inseparabilidade entre o pesquisador e aquilo que ele pesquisa sem, no entanto, eximir-se de problematizar o lugar de onde fala aquele que pesquisa (Groff, Maheirie, & Zanella, 2010).

Como desdobramento dessa reflexão, não se vislumbrou cumprir uma proposta metodológica norteada por um suposto distanciamento necessário a uma pesquisa em termos de um racionalismo científico. Pelo contrário, buscou-se pela aproximação, de maneira que fizemos parte das relações que cotidianamente aconteciam na Casa Chico Mendes, em uma metodologia de inspiração etnográfica, com os seguintes procedimentos metodológicos: registro em diário de campo, entrevistas abertas com roteiro norteador, conversas gravadas ou registradas no diário. Os sujeitos envolvidos aceitaram fazer parte da pesquisa mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e por este mesmo documento permitiram que seus nomes ou apelidos fossem divulgados nos escritos e publicações da pesquisa. Aparecem neste artigo alguns dos sujeitos e registros que se relacionam especificamente com o tema trabalhado.

Todos são moradores de longa data da Comunidade. Dodô é fundador e um dos moradores da Casa. Durante muitos anos assumiu o papel de coordenador da Instituição, tornando-se uma das referências mais conhecidas na Comunidade Chico Mendes. Ao contrário dos demais sujeitos, ele optou por não gravar entrevista, mas se colocou à disposição para uma conversa informal, cujos registros foram posteriormente anotados em diário de campo. Felipe, Doio, Tinho e Valderi são jovens moradores da Comunidade, cujos contatos com a instituição ocorrem desde a infância. Eventualmente foram ou são moradores da Casa, assim como participaram dos encontros e atividades ali produzidos, assumindo por vezes cargos institucionais.

Encontros com a ética

Os sujeitos, uns diante dos outros, na vida como um todo ou ao redor de uma mesa de café, compõem uma relação em que são afetados mutuamente. E não há alibi para isso, se o encontro não te afeta, você simplesmente não está **ali**. É por essa afecção que os corpos se definem e

é nessa ética, situada em contextos histórico-culturais, que se encontra a morada do homem. Desse encontro pode emergir a tristeza, o que diminui a potência de ação dos corpos. Mas, também a alegria e o aumento da potência de ação. Tristeza e alegria são afetos que surgem nos encontros dos homens, uns diante dos outros e do mundo. Espinosa (2009) afirma que, quando o homem está imerso em um afeto de tristeza, está sujeito à potência de padecer, perde sua autonomia e está subordinado a uma relação de servidão. Ao contrário, se o afeto é de alegria, o homem tem a sua potência aumentada, sua ação no mundo é potencializada e o encaminha para desvencilhar-se da servidão, possibilitando a liberdade.

Espinosa (2009), ao criar sua *Ética*, opõe-se a toda uma tradição filosófica que pensa a partir de uma transcendência localizada além de tudo o que existe concretamente, pressupondo hierarquias valorativas entre o ideal e o real, por exemplo. Desse modo, cria um pensamento anti-hierárquico, para afirmar uma filosofia da imanência: se não existe uma entidade abstrata, perfeita em relação à matéria, também não existe uma perfeição ideal, da qual a matéria seria apenas uma cópia imperfeita (Deleuze, 2008). Como consequência, retira-se a moral do plano ontológico, que seria o processo de realização da essência humana, sempre superior às relações que se estabelecem em ato. Para Espinosa, trata-se, em última instância, de entender um corpo ou alguém não no que ele é em sua essência, mais sim no que ele é capaz de realizar em sua potência.

Para Espinosa (2009), “o que constitui a forma de um indivíduo consiste em uma união de corpos” (p. 64), sendo que o corpo tem dois segmentos, dois planos. De um lado, um corpo é formado por infinitos outros corpos e com eles compõe uma relação de repouso e de movimento, de velocidades e lentidões. Fala-se de velocidade e de lentidão justamente pelo fato de os afetos implicarem em passagens, em mudanças de estados no corpo. De outro lado, o corpo afeta outros corpos e por eles é afetado, sendo que os corpos se definem pelas afecções de que são capazes (Deleuze, 2002). De acordo com Deleuze (1997), “[...] as afecções variam segundo as cadeias de associação entre os corpos (o sol endurece a argila e derrete a cera, o cavalo não é o mesmo para o guerreiro e para o camponês)” (p. 158). Nesse sentido, as afecções possibilitam uma transformação de um estado para o outro, ou, na linguagem de Espinosa, aumento ou diminuição da potência.

Nessa perspectiva, tudo o que existe está relacionado ao seu grau de potência: tem mais ou menos potência. Espinosa nos fala não só da potência, mas também da ação e da forma de ser afetado de que algo é capaz. Não só do que a coisa é, senão também do que ela é capaz de suportar e fazer (Deleuze, 2008). Em outras palavras, o sujeito é na relação que estabelece com o outro e com o seu contexto a partir da forma como é afetado nessa relação, a qual produz aumento ou diminuição de seu grau de potência. Nesse sentido o sujeito é o que é capaz de fazer e sentir um grau de potência que pode variar. Esse aumento ou diminuição de potência se dá a partir dos encontros, cujos efeitos nos corpos são engendrados a partir de relações de composição ou decomposição.

Deleuze (2002), ao teorizar sobre a ética de Espinosa, defende que “[...] quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, e ao contrário, quando um decompõe o outro, destrói a coesão das suas partes” (p. 25). A ética de Espinosa volta de início a sua atenção para as paixões alegres e as tristes, transcendendo a moral do bem e do mal. É uma ética do bom e do mau, ou respectivamente, da potência do existir e das paixões tristes. A partir desse ponto de vista, pode-se pensar que um indivíduo, ao encontrar outro ou um grupo, compõe a relação num encontro que pode ser tanto de composição quanto de decomposição. Sente-se alegria quando acontece um bom encontro e, inversamente, tristeza na ocorrência de um mau encontro, quando um corpo ou uma ideia ameaçam sua potência.

A ética, então, se define a partir dos modos de existência que se arranjam na relação entres os indivíduos, e a forma como cada um é afetado nesse encontro. Diferencia-se da moral que se relaciona à existência de valores transcendentais. Desarticula o sistema de julgamento, que

opõe os valores (bem/mal), substituindo-os por modos qualitativos de existência (bom/mau) (Deleuze, 2002). Na ética não se julga, se pergunta o que é possível, o que pode um corpo a partir da maneira em que estão organizados os modos de existir de alguém “tendo como critério a afirmação de sua potência criadora – daí o porquê de chamá-lo de ético” (Rolnik, 1992, p. 8).

Chamamos **ética** não a um dever para com a Lei ou o Bem, nem tampouco a um poder de segregar ou distinguir o puro do impuro, o joio do trigo, o Bem do Mal, mas a uma **capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa em selecionar, nos encontros que produzimos**, algo que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência [...] (Fuganti, 2005, p. 5, grifos do autor).

Mas, então, o que seria um bom encontro? Um bom encontro acontece quando dois corpos se compõem de tal forma que a partir de sua relação há um aumento de potência, e, por consequência, um aumento da capacidade de existir. Quando se escuta uma canção de que se gosta, todo o corpo compõe-se com a sonoridade da canção e, então, se tem a potência aumentada. Quando as relações se arranjam de forma a constituir um bom encontro, as partes envolvidas formam algo a mais que as engloba, expandindo sua potência (Deleuze, 1980). Em outras palavras: “o objeto que convém a minha natureza determina-me a formar uma totalidade superior que nos inclui, a ele e a mim” (Deleuze, 2002, p. 27).

Tudo o que existe define-se a partir de um grau de potência que corresponde a certo poder de ser afetado, expandido em suas possibilidades ou as contraindo. O poder de ser afetado apresenta-se como possibilidade de aumento da potência para agir, o que nos possibilita a busca pela liberdade. Do contrário, em oposição à potência para agir, nos maus encontros somos tomados pela potência de padecer, que nos coloca em uma relação de servidão. Servidão e liberdade, alegria e tristeza: são nessas possibilidades, relativas ao encontro entre os corpos, o lugar onde reside a ética.

Encontros como lugar de calor

É na cozinha da Casa aonde mais ocorrem os encontros e, sobretudo, os encontros como lugares de calor (Sawaia, 1999). Mesmo que possam se estender para os demais espaços, e até mesmo fora da Casa ou da Comunidade, os encontros têm na cozinha seu lugar legitimado, geralmente, em torno da mesa. Em seu centro, há duas garrafas térmicas com café. Sempre há café e quase sempre a mesa é povoada. No seu entorno cabem confortavelmente umas seis pessoas sentadas. Quando necessário, sempre se arranja mais espaço: os bancos de madeira, largos e sem encostos, possibilitam a proximidade dos corpos. As duas cabeceiras da mesa são completadas com cadeiras. Há também os que preferem ficar em pé. É possível encontrar conforto no pequeno espaço, no corpo-a-corpo, nessa proximidade que faz com que os presentes estejam de fato **ali**.

A presença é sempre presente. Ao redor da mesa, as xícaras de café fumegando, com muito açúcar para alguns paladares, sem nenhum para outros, fazem parte da composição e aproximam, de maneira que “[...] cada coisa, sendo elemento significante de uma organicidade, vale por si mesma” (Maffesoli, 2005, p. 25). A proximidade revela os corpos, os gestos, os olhares, as diferentes entonações de voz e as diversas histórias de vida. Marcas da existência que são expostas nas minúcias dos corpos, pelas tatuagens, nos acessórios para o corpo, cicatrizes e nos outros sinais da pele. Todos sabem o significado daqueles nomes tatuados nos corpos, contudo, poucos comentam sobre eles. Sobretudo, são sinais que se revelam em silêncio.

Pouco a pouco, a vida é posta ao redor da mesa. Os corpos que preenchem o espaço não deixam lugar para a indiferença. Diante do outro, as nossas percepções também nos revelam, pois sempre se está implicado na forma de perceber o mundo, uma vez que também fazemos

parte daquilo que percebemos. Assim como somos expostos pelo olhar do outro, somos sempre afetados por aquilo que faz parte de nós, que nos compõem de infinitos modos. Toda percepção é um afeto. E são os afetos que revelam e constituem os corpos: sempre somos afetados diante do outro (Espinosa, 2009).

Para além do individualismo, na roda do café, a vida “[...] é pura expressão de sentimentos de pertença sucessivos. Nós somos membros, nós fazemos parte, nos agregamos, participamos, ou, para dizer trivialmente, ‘nós somos **nisso**’” (Maffesoli, 2006, p. 278, grifo do autor). Nós somos **nisso**, e, a partir das palavras de Tinho, encontramos sentido e tradução: “Uma das formas que é pra gente não se sentir sozinho é não deixar as pessoas se sentirem sozinhas também”.

Não há motivos preestabelecidos que provocam o encontro nesse coletivo que se forma. É sempre na imprevisibilidade do acontecimento que forja o prazer e o desejo de estar junto, sem objetivo específico, em “[...] uma ‘inutilidade’ que, não se inscrevendo numa perspectiva utilitária, é o indício de uma utilidade muito mais profunda” (Maffesoli, 1996, p. 63). “Eu vinha pra cá só por vir, para tomar um café, para conversar e aí depois é que a gente vai criando os laços”, conta Valderi sobre o início de sua experiência com a Casa, indicando este momento do café como mais uma de suas **portas de entrada**. A disposição para estar ao redor da mesa coloca as relações sobre o mesmo plano, simbolismo que rejeita a hierarquia e dá indícios da substituição da moral pela ética:

Acolhimento. A Casa, eu posso definir como acolhimento, porque a Casa acolhe todo mundo, sem julgar ninguém. Tu pode ser bandido, tu pode ser mendigo, pode ser matador, tu pode ser *hippie*. Tu pode ser o que for que a Casa acolhe e trata todo mundo igual (Felipe).

As palavras de Felipe indicam precisamente a ruptura que desloca o campo da moral para o campo da ética. Quando falamos de um lugar moral, estamos diante de uma qualificação valorativa, indicando um patamar em que o outro é colocado sobre o julgamento de valores transcendentais, bem e mal, que abrem espaço para classificações, passíveis de interromper o encontro no que diz respeito ao sujeito sentir-se disposto a deixar-se afetar pelo outro. No plano da ética, esse sistema de valor é desarticulado e, na relação com o outro, abre-se a possibilidade para o que pode emergir do encontro. Levam-se em conta os afetos que são postos em jogo, e estes podem ser bons ou maus, dependendo da composição formada. “Eis, pois, o que é a Ética, isto é, uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a Moral, a qual relaciona sempre a existência a valores transcendentais” (Deleuze, 2002, p. 29).

Ser acolhido naquilo que se dá abertura ao campo da ética. Ser convidado para compor a mesa de café, atenuada a qualificação moral que possa ser atribuída, diminui a resistência ao encontro, possibilita às pessoas estarem em uma relação de igualdade. Isto abre espaço para a constituição do que Sawaia (1999) chama de “um lugar de calor”, onde “[...] uma coletividade que, sem abrir mão de seu modo de ser, acolhe a multiplicidade, em movimento de recriação permanente da existência coletiva e um fluir de experiências sociais vividas como realidade do eu, mas partilhadas intersubjetivamente” (Sawaia, 1999, p. 24). Lugar onde se constrói um ponto de referência, um espaço coletivo de apropriação do sentimento de estar entre pares, lugar de “[...] movimento e recriação permanente da existência coletiva” (Sawaia, 1999, p. 25): “A gente senta, conversa, planeja algumas coisas, faz uma janta, um almoço, um café, ri pra caramba. [...] Então a cozinha agora é o nosso ponto de referência” (Doio).

O lugar de calor é vivido pelos sujeitos e conhecido por eles quando confrontados com outros espaços que não permitem o fluir dessa dinâmica. “Outros espaços que, apesar da circulação democrática, são vividos como ‘não lugares’ [...] espaços construídos com fins determinados, onde a interação se dá apenas através de texto, sem outros enunciadores que não pessoas morais ou institucionais” (Sawaia, 1995, p. 23).

A Casa dá liberdade. A gente constrói o respeito e a amizade. Em outros lugares não tem esta confiança de ir construindo com as pessoas. Eles te olham e pensam que se tu é jovem está vestido de qualquer jeito, então tu não pode ficar sozinho na cozinha, vai roubar alguma coisa. E a Casa tu vai criando esta confiança e assim, "deixa ele lá!" (Valderi).

Aqui... não dizer assim, mas tem uma energia boa aqui dentro. Às vezes você chega num lugar tu fica meio trancadão assim. Tu fica meio quieto, aí tu vê as pessoas que não te olham com aquele jeito de querer te conhecer, de querer falar contigo, saber quem tu é. E aqui não. Quando eu cheguei aqui eu também cheguei quieto. E o pessoal veio falar comigo, me convidavam pra jogar pingue-pongue, me convidavam pra aprender a mexer no computador, coisas assim, né? (Tinho).

É nesse lugar de calor que o sujeito mantém contato com o outro, identificando-se com este num movimento de igualar-se e diferenciar-se, produzindo singularidades. Com o outro se compõe um espaço que pode ser compreendido do ponto de vista de uma

[...] estética da existência [que] deve ser regulada pelo princípio da comunidade, que define uma ética através de bons encontros, que se alimenta da diversidade, sem temer o estranho, pois é ligar-se ao outro sem o despotismo do mesmo, apresentando-se como qualidade de relação, caracterizada pela mutualidade em vez de poder desigual [...]. A fusão entre eu e o diverso não é apenas racional. Ela é emocional e é vivida pela experiência, mas com plena consciência de que as emoções são determinadas socialmente (Sawaia, 1999, p. 24).

Nesse sentido, a partir da mesa da cozinha e de outros encontros, os sujeitos passam a frequentar a Casa e a compreender o espaço como seu. Ao mesmo tempo, compartilham com o outro mediante um contato que dissolve as resistências e julgamentos *a priori*. É importante levar em conta a fala de Tinho, citada acima, em que ele conta experiências de outras situações e lugares em que se sentiu "trancadão". Qual seria o sentido assumido por Tinho ao utilizar-se desse termo? Estar trancado pode se referir ao estancamento do afeto com o outro e com o mundo, ou, pelo menos, a supressão da disponibilidade para *estar* com o outro, mediante uma relação desfavorável?

Tinho, ao usar este termo, referia-se a lugares onde as pessoas olham sem demonstrar "aquele jeito de querer te conhecer". Como contraponto, seria a Casa dos Encontros, materializada nas relações que acontecem entre os sujeitos na mesa da cozinha, um lugar onde o sujeito se dá ao conhecimento do outro mediante a disponibilidade desse outro querer conhecê-lo? Em caso afirmativo, está aberto o espaço para a fluidez da relação. Levando-se em conta a fala de Valderi, que coloca a Casa como um espaço de liberdade em que se constrói o respeito e a amizade, chega-se ao lugar de calor que abre espaço para a composição de relações pautadas por uma ética e por bons encontros.

Composições dos bons encontros na Casa

Na cozinha da Casa Chico Mendes, ao redor da mesa, em diversas situações passa-se do acolhimento para o bom encontro. E quando este ocorre, não há previsibilidade para o acontecimento, visto que do encontro podem emergir múltiplas possibilidades:

Na cozinha rola tudo. Rola café, almoço, cerveja. É lá onde tem os encontros, os papos, samba, música, pagode, tem tudo o que a gente quiser. Tem violão, tem o pessoal que

chega de fora, então é lá que a gente conversa. A gente vai conhecendo os argentinos e os uruguaios (risos), já veio pessoal de tudo quanto é lado (Valderi).

Além do caráter festivo e descontraído de alguns encontros, Valderi também em seu relato toca na questão de conhecer outras pessoas, de outros países, de todos os lados. Existe certa regularidade de pessoas que frequentam esses espaços na Casa. São geralmente pessoas da Comunidade ou “gente de fora” e, quase sempre, em ambos os casos, pessoas que mantêm uma relação estreita com a Casa Chico Mendes. Há um cerne que compõe essa roda, formado principalmente pelos moradores da Casa, novos ou antigos, pelos jovens que a frequentam quase diariamente e por educadores, militantes que trabalham (ou já trabalharam) na Comunidade e por aqueles que são considerados os “amigos da Casa”. Mas, nesse cerne há uma permeabilidade, de forma que a ele são agregados os amigos, os relacionamentos, os amigos dos amigos e pessoas de todos os lados, agregando à compreensão do coletivo a perspectiva dos encontros,

[...] como se pudessem coexistir vários mundos, mesmo no interior de uma composição maior, sem que sejam todos reduzidos a um mesmo e único mundo. A partir daí, pode-se pensar a constituição de um “corpo” múltiplo. Por exemplo, um coletivo [e um encontro] seria isso, um corpo múltiplo, composto por vários indivíduos, com suas relações específicas de velocidade e de lentidão. Um coletivo [e um encontro] poderia ser pensado como essa variação contínua entre seus elementos heterogêneos, como afetação recíproca entre potências singulares, numa certa composição de velocidade e de lentidão (Pelbart, 2009, para. 4).

Esse coletivo foi acolhido dessa forma desde o princípio da existência da Casa na Comunidade, e agora abre o espaço para acolher aos outros que chegam.

Agora eu me sinto trabalhando (risos), porque este é o meu papel aqui, mas tem um outro sentimento que é o de estar em casa. Quando eu estou aqui estou em casa. Isso foi também o que a gente procurou dizer e escutou muito das pessoas que trabalharam aqui e dos amigos da Casa também. E o que eu tento passar para as outras pessoas hoje, é que aqui também é a nossa casa, então quando estou aqui eu acho que estou em casa (Valderi).

A composição desses encontros toma forma plural em múltiplas dimensionalidades: ao redor da mesa uma professora universitária se reúne com um jovem que há alguns anos está estudando para passar no vestibular ou com uma senhora que recentemente iniciou seu processo de alfabetização. Uma freira ocupa um lugar imbuído da noção de horizontalidade na relação com um jovem que em outro contexto poderia ser taxado como jovem infrator, contudo, no encontro, passa-se longe da noção de que, mediante esses lugares sociais, a freira precisa ajudar o jovem a se libertar do caminho que está seguindo na vida, ou o contrário.

Os presentes na roda têm suas histórias, ideologias, maneiras de vida que são compartilhadas, postas no encontro de maneira que se complementam e se tensionam, contudo, formam um todo mais potente, no lugar de se opor. E sempre aparece mais gente. Assim como muitos dos jovens que conheceram a Casa, que foram levados ali por amigos para tomar um café, pessoas que participam desses encontros levam outras, sejam amigos, colegas de universidade, familiares ou colegas de trabalho.

Vale destacar que os jovens que frequentam a Casa colocam esses espaços de encontro no mesmo nível dos trabalhos desenvolvidos pela Instituição e, nessa compreensão, os encontros fazem parte do escopo dos trabalhos ali desenvolvidos. Mas, existe um diferencial: os trabalhos

da Casa transcendem as prerrogativas comumente encontradas em outros espaços institucionais. Fazer parte de um encontro significa participar dessa união de corpos que se compõem (Deleuze, 2002), que abrem múltiplas dimensionalidades, a depender das possibilidades de significação que os sujeitos podem atribuir aos desdobramentos desses espaços, imbricadas com a singularidade de cada um. Não se trata de uma fórmula comum, como aponta Valderi ao dizer que “nosso objetivo aqui não é o de salvar ninguém”, ao que se pode acrescentar que não é o de “tirar os jovens e as crianças da rua”, prevenir sobre os perigos do crack e outras drogas, que muitas vezes pautam as relações institucionais. As reflexões ou intervenções que emergem dessas diferentes linguagens acontecem, mas como desdobramento de uma linguagem que é anterior: a da ética. Dessa forma, abrem-se outras possibilidades de enunciados, como por exemplo: “crack, vamos pensar sobre isso?” no lugar de “crack, nem pensar”. E assim vão se produzindo territórios existenciais alternativos àqueles que são ofertados ou mencionados por métodos educativos comumente morais e assistencialistas. Tais métodos podem levar a anulação do outro a partir do lugar por ele ocupado ou para ele designado a partir de determinada linguagem, para em seguida oferecer-lhe um caminho ou modo de vida supostamente melhor, como mostra a fala de Valderi:

Não é uma ajuda de salvamento, mas é... sei lá, pra conversar de repente. Daí eu acho que a importância da Casa mesmo nesta parte de acolhimento é a amizade que vamos criando [...]. O que a gente costuma dizer na Casa: depende de onde se olha. Então uma coisa que pra mim é boa pode não ser para outra pessoa. Eu costumo dizer que é bom não estar vendendo drogas. Mas se eu perguntar pro cara que vende droga ele vai dizer que é bom e o ruim é estar trabalhando como eu pra ganhar em meses o que eles ganham em poucas horas [...]. É porque aqui você tem uma situação boa ou ruim e a Casa te dá várias saídas, vários caminhos para aquela situação. São caminhos. Qualquer situação você tem mais pessoas pra conversar, mais ideias. Então, tu acaba tomando um caminho que acha que é melhor, mas isso não significa que vai ser sempre o melhor. É que pra mim não teve uma importância, um valor assim “ah, se ele não vier aqui ele vai ser outra coisa”. E acho que nem é o propósito da Casa, não é o de salvar ninguém, nem resgatar ninguém. Eu acho que as pessoas escolhem o que querem assim pra vida e a Casa só dá esta oportunidade, a gente esta aqui, se quiser vir, tomar um café, se quiser conversar, se precisar de algum tipo de ajuda que esteja ao alcance das pessoas daqui. O trabalho da Casa, que na verdade a gente tem como missão de resgatar a auto-estima das pessoas e o de humanizar relações... o diferente é que a gente tenta ajudar as pessoas sendo menos preconceituoso. Acho que o trabalho da Casa faz isso, e não é um trabalho sistematizado. É um trabalho que vai se dando no dia-a-dia, ele vai se constituindo como se nem fosse um projeto, como se não fosse nada, acho que isso é humanizar as relações (Valderi).

A fala de Valderi mostra possibilidades de recriar laços e de tecer territorialidades existenciais e subjetivas que estão na contramão e que revertem o jogo de valores que muitas vezes é atribuído às pessoas imersas em contextos comunitários empobrecidos. Mesmo que não tenham muita visibilidade para fora dali, esses encontros acontecem, tem uma grande capacidade de agregação e transformação, apontando para possibilidades que não ficam suspensas no espaço, não caem no vazio, pois são devires que provocam devires outros. É o que aponta o seguinte relato de uma entrevista ao qual Doio se refere a jovens que começaram a se reunir periodicamente na Casa Chico Mendes e, a partir do encontro, desenvolveram algumas formas de gestão e ampliação das possibilidades do espaço compartilhado. Para ilustrar com suas palavras como foram desenvolvidos e organizados esses encontros, transcrevemos aqui o relato que Doio ofereceu:

Pesquisador: Como é que tu conheceu a Casa Chico Mendes?

Doio: O Dodô dava aula no colégio, e eu tinha um irmão que estudava ali também. O Dodô não dava aula pra mim, mas dava pro meu irmão, que sempre vinha aqui. Aí um dia eu vim aqui com o meu irmão e passei a participar das atividades.

Pesquisador: Como é que foi o teu primeiro contato com a Casa? Tu lembra o que veio fazer?

Doio: Vim tomar café. É... tomar café e jogar xadrez, era o que o pessoal fazia aqui. Aí depois a gente começou a vir pra jogar pingue-pongue, numa sala que tem aqui em cima, e que agora é o quarto do Tinho. Aí depois o grupo foi se estendendo e a gente deu uma ideia pro Dodô que era pra gente montar um grupo, que se encontraria todos os dias depois do colégio e aí o grupo foi crescendo, crescendo e chegou em torno de uns quase trinta jovens. Aí a Casa comprou uma mesa de pingue-pongue, uma mesa de pimbolim, tinha xadrez, tinha dominó, várias paradas. A gente começou a montar um cronograma de funcionamento. Então tinha dia de cinema, dia de jogos e dia de debate. Depois disso a gente começou a montar vários grupos, tinha grupo de estudos, a gente começou a trazer cursos pra cá, tinha curso de inglês, de espanhol, alemão, teve uma luta de artes marciais, kung fu, já teve biodança, e a gente sempre fazia encontros fora daqui, no Campeche, na Pinheira², encontros de formação. Daí com este grupo a gente também teve curso de DST, HIV, AIDS, duas vezes.

Valderi complementa a fala de Doio, em relação a este grupo que se formou:

Então, daí tinha o projeto de capoeira e tinha o encontro de jovens no café com livros, todo sábado, a gente lia e comentava as histórias, que eu participava. E participava também do projeto nossa casa, que era na parte da noite. Daí a gente vinha pra cá, fazia passeio, e jogava pingue-pongue. O pessoal assistia a televisão e tinha internet também (Valderi).

Os relatos de Doio e de Valderi mostram as possibilidades de extensão de um encontro que, a partir de uma mesa de café, de um convite que agrega pessoas, aumenta a potência de ação, ganha corpo e se ramifica em novas ideias e possibilidades, vínculos e formas de estar presente. Isto, no embalo de acontecimentos que engendram e são engendrados por diferentes composições (Lima, 2003). Foi na ressonância dessas experiências que a Casa passou a incorporar esses encontros como parte de suas atividades. De maneira que, quando a equipe da Casa se reúne para o planejamento de um determinado período, sempre são pensados espaços que privilegiam seu surgimento. Esses encontros são lugares afetivos que podem vir imbuídos de alguma temática ou atividade pré-estabelecida, mas que são, sobretudo, oportunidades para que as pessoas possam simplesmente estar **ali**, além daqueles que ocorrem de forma mais espontânea.

A perspectiva dos encontros pode ser desenhada todas as vezes que os sujeitos se utilizam da palavra acolhimento, expressão mais utilizada pelos sujeitos, no contexto da pesquisa, para definir a sua relação com a Casa. Essa perspectiva tornou-se uma das linhas principais do trabalho da Casa que, aos poucos, foi se distanciando das perspectivas institucionalizadas de assistência social para um espaço de encontros aberto à criação. Alguns exemplos são as reuniões festivas, almoços ou jantas comunitárias, saraus temáticos, encontro com professores, grupos de crianças e adolescentes. Igualmente, eventos culturais produzidos pelos amigos da casa, festivais que acontecem na cidade e estabelecem parcerias com a Casa, participação

² Localidades litorâneas da grande Florianópolis – SC. Campeche fica na ilha, no município de Florianópolis; a Pinheira localiza-se no continente, no município de Palhoça – SC.

nas ações que outros coletivos empreendem na comunidade. É possível saber mais sobre os trabalhos que a Casa Chico Mendes vem desenvolvendo nestes últimos anos acessando o blog <http://casachicomendes.blogspot.com.br/>

“Uma casa aberta para a comunidade” é o sentido que vem sendo reproduzido, nos últimos anos, entre aqueles que estão próximos desse espaço. Sentido que ganha contorno nas palavras de Dodô, quando expressa que “a casa da gente tem que estar aberta para todos, é um lugar de acolhimento e generosidade”. O acolhimento é o convite para que o sujeito permaneça na Casa e passe a fazer parte da composição das relações que, por sua vez, revelam possibilidades de encontros. Nesse movimento, nessa combinação, diferentes modos de subjetivação são produzidos, ao mesmo tempo em que são compostas as relações que constituem a própria Casa, que, atenta Dodô, são de mão dupla: “a Comunidade também acolhe a Casa nos acontecimentos da vida cotidiana”.

Essa perspectiva abre a possibilidade de compreender a Casa como um espaço de presença. Nas palavras de Dodô, a Casa está ali e o que conta mais é a presença: estar presente junto com aquilo que aparece. Uma das imagens mais emblemáticas da Casa, e que também se encontra em outros trabalhos como o de Lima (2008) e Vill (2009), é a porta de entrada da instituição, sempre aberta, com o seu hall de entrada com sofás e cadeiras aonde as pessoas que chegam são recebidas. Essa imagem dá a ideia de uma presença que se coloca disponível para o acontecimento e que também pode ser configurada como um espaço que abre uma temporalidade ética, no sentido de forjar uma disponibilidade para o encontro.

Fora de uma temporalidade instituída, cronológica, causal, caracterizado pela sucessão de instantes, refere-se a um tempo da intensidade, de uma temporalidade que não se marca com a passagem do tempo. Mas, de acordo com a intensidade da experiência que se vive; intensidade do tempo da vida humana. Uma temporalidade não numerável nem sucessiva, mas intensiva, qualitativa, e que engendra uma

[...] estética enquanto **momentos** vividos em comum, enquanto situações em que se exprime o tempo imóvel e o prazer do instante eterno, remete a uma outra concepção do tempo. Não é mais do cômputo implacável e uniforme, mas o da duração que varia segundo as pessoas e seus reagrupamentos. Nesta perspectiva, as diversas relações sociais, do mesmo modo que as relações com o ambiente natural, valem pelo **que são** (Maffesoli, 1996, p. 61 – grifos do autor).

No encontro que configura esse tempo cheio de presença, há lugar para o vínculo, a possibilidade de emergência e partilha de sonhos, de alimento, alegria e histórias. Provoca rachaduras nos modos de vida e paradigmas acostumados, ou seja, possibilita quebras ou desvios criadores quem rompem com a estabilidade e repetição institucionais. Nesse sentido, no bom encontro, a alegria que gera a potência de ação, tem por si só poder político, ético, estético e cria outras formas de intervenção e inscrição nos espaços. Não há a procura por “atingir um determinado fim ou objetivo, nem se propõe uma tarefa específica. Não há **um** sentido a ser revelado, mas **vários** sentidos a serem criados, produzidos no próprio processo do encontro” (Bocco, 2008, p. 68, grifos da autora).

[Ao] reconhecermos a potência de dispositivo de cada encontro, saberemos que os resultados não podem ser medidos, definidos [...] Nenhuma resposta será definida, nenhum manual dirá o que e como fazer [...], mas ao mesmo tempo liberta para uma criatividade e autoria-autonomia a cada momento. E com isso produzimos outras relações (Bocco, 2008, p. 150).

Sendo assim, o bom encontro não se inscreve dentro da noção de um valor prático utilitário *a priori*. “Não vai salvar ninguém”, como aponta Valderi, porque ninguém é posto no lugar de pessoa a ser salva. Todavia, ele aponta para processos de transformação, compondo relações a partir do que se tem a compartilhar, para constituir uma via efetiva onde se produza algo

entre aqueles que estão implicados. Tal processo cria um território de encontro no qual o sujeito pode ir construindo elementos de seu universo (Bocco, 2008).

Os bons encontros formam composições que se estendem, transcendendo os limites cronológicos, espaciais. Passam a fazer parte das pessoas e borram os limites, produzindo novas linhas de inscrições, formando “[...] os espaços-tempo que elas são capazes de inventar, os acontecimentos que ensejam por toda parte” (Pelbart, 2009). Podemos dizer que bons encontros simplesmente irrompem ou não, seja ao acaso ou a partir de um planejamento. Nessa condição, o encontro escapa à hora marcada: não são todos os dias na Casa Chico Mendes, nem em todas as vezes que essas pessoas se cruzam que bons os encontros acontecem, que a alegria está presente, que a potência de ação é aumentada. No entanto, quando ocorre a irrupção de bons encontros, forja-se uma disponibilidade entre os sujeitos para compor algo a partir do que cada um é naquela ocasião capaz de oferecer, apontando para novos devires - outras descobertas que revelam a vida e suas possibilidades.

Espinosa (2009) nos diz que temos a capacidade racional de produzir um bom encontro, adquirida mediante contínuas experimentações e composições com o mundo. Para esse autor, o conhecimento é um afeto que possibilita a diferença qualitativa entre os modos de existência bom e mau. De forma que, a partir dos encontros, temos abertas possibilidades para conhecer o mundo compondo os modos de vida que melhor se combinam com os nossos corpos.

A cada bom encontro, aprende-se a selecionar e a produzir novos encontros. Compor bons encontros é uma grande arte. No seu processo aprende-se a captar elementos, matérias, indivíduos, grupos, ideias, que podem compor com cada um dos modos que aumentam a potência de ação. Composições orientadas a formar uma potência maior, que resulta em uma alegria maior (Pelbart, 2009) e na ampliação das possibilidades de existência. Nessa direção os encontros estão aí. Nós podemos estar presentes ou não nesses encontros. Podemos também criá-los, experimentá-los e, entre as utopias que nos movem, selecionar as vidas, os corpos e relações que aumentam a nossa potência de ação, que nos compõem em alegria.

Considerações finais

Em uma das falas de Valderi, no decorrer da pesquisa, também problematizada neste artigo, nos deparamos com a perspectiva de um trabalho que ocorre no contexto comunitário junto com o outro, pautada numa relação que se desvia de julgamentos morais e não se esforça por encontrar para o outro uma vida que seria melhor para ele. Valderi aponta para os trabalhos da Casa como formas de estar junto, que nem sequer são compreendidas como um projeto sistematizado, mas que ocorrem no dia a dia como “se não fosse nada”, concluindo que talvez seja este o significado de humanizar as relações.

Sem desconsiderar a importância dos objetivos e intenções das instituições e políticas públicas voltadas para comunidades, a experiência da Casa Chico Mendes nos provoca reflexões que problematizam as perspectivas assumidas nesses contextos e que por vezes pautam as relações entre as pessoas e os lugares que são construídos e ocupados nessas relações. A experiência da **Casa dos Encontros** revela algumas implicações dos lugares frios que contrastam com lugares de calor na produção de histórias de vida. O bom encontro que pode emergir em um lugar de calor caracteriza não só modos de relação, mas, sobretudo, a qualidade e as possibilidades de existência dos sujeitos.

Quando olhamos para contextos institucionais marcados pela falta de participação e/ou envolvimento dos jovens, olhamos para o modo como as relações são construídas nesses espaços? A mesa do café é para todos/as? As portas costumam estar abertas?

Há uma clara possibilidade de reflexão sobre as relações que são criadas por um viés assistencialista e moral nas instituições e o que pode ser criada com os sujeitos, por meio do acolhimento amistoso que, antes de trabalhar com o dever ser, busca compartilhar histórias, caminhos outros, modos de vida. Essas reflexões nos levam a uma perspectiva de trabalho

que pressupõe não considerar o outro em sua falta, o que demanda uma hierarquia moral, mas em sua potência, pautada no encontro como uma composição dependente de todos que ali estão envolvidos. Os bons encontros e o lugar de calor são, sobretudo, possibilidades de se viver uma vida mais potente, alegre, expansiva, no sentido de abrir caminhos para o que cada um pode e deseja, enquanto sujeito no/do mundo.

Referências

- Bocco, F. (2008). *Cartografias da Infração Juvenil*. Porto Alegre: Abrapso Sul.
- Deleuze, G. (1980). Spinoza. In G. Deleuze, *Les Cours de Gilles Deleuze*. Disponível em <http://www.webdeleuze.com/php/sommaire.html>. Acesso em 13 junho 2010.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, G. (2008). *En medio a Spinoza*. Buenos Aires: Cactus.
- Espinosa, B. (2009). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fuganti, L. (2005). *A Ética como potência e a moral como servidão*. Disponível em <http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como-servidao?format=pdf>. Acesso em 30 de junho de 2015.
- Groff, A. R., Maheirie, K., & Zanella, A. V. (2010). Constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 97-103.
- Lima, D. J. (2003). "Só sangue bom": construção de saberes e resistência cultural como expressões do protagonismo juvenil. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 121pp.
- Lima, P. M. (2008). *Infância e Experiência: as narrativas infantis e a arte-de-viver o cuidado*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 141pp.
- Maffesoli, M. (1996). *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Maffesoli, M. (2005). *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina.
- Maffesoli, M. (2006). A comunidade de destino. *Horizontes Antropológicos*, 25, 273-283.
- Pelbart, P. (2009). Poderíamos partir de Espinosa. *Afuera: estudios de crítica cultural*, 7. Disponível em <http://artesescenicas.uclm.es/index.php?sec=texto&id=182>. Acesso em 15 dezembro de 2009.
- Rolnik, S. (1992). À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. *Boletim de Novidades, Pulsional - Centro de Psicanálise*, 41, 33-42. Disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>. Acesso em 16 de fevereiro 2011.
- Sawaia, B. B. (1995). O calor do lugar: segregação urbana e identidade. *São Paulo em Perspectiva*, 9(2), 20-24.
- Sawaia, B. B. (1999). Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Psyque*, 8(1), 19-25.
- Vill, S. (2009). *Ensaio do olhar: o sentido da infância a partir de fotografias produzidas por crianças*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 150pp.

Submetido em: 01/02/2016.

Revisto em: 02/09/2016.

Aceito em: 05/09/2016.

Endereços para correspondência:

André Luiz Strappazon
andreluistra@gmail.com

Katia Maheirie
maheirie@gmail.com

I. Doutorando. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. Estado de Santa Catarina. Brasil.

II. Docente. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. Estado de Santa Catarina. Brasil.